

# NIETZSCHE: FILÓSOFO DA AFIRMAÇÃO

*NIETZSCHE: PHILOSOPHER OF AFFIRMATION*

**Anthony Gabriel da Silva Frota**

Faculdade Diocesana São José, Rio Branco, AC, Brasil

**Gerdevane Silva de Jesus**

Faculdade Diocesana São José, Rio Branco, AC, Brasil

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i2.80>    Recebido em: 10.09.2024    Aceito em: 07.12.2024

---

**Resumo:** O presente ensaio tem por objetivo apresentar e analisar os principais aspectos do pensamento nietzschiano que fazem de Friedrich Nietzsche um “filósofo da afirmação”. Aos olhos do senso comum, o filósofo prussiano é comumente associado – de forma negativa - à destruição dos valores metafísicos, ao relativismo cultural, à iconoclastia e ao niilismo. Entretanto, essa visão superficial desconsidera que Nietzsche não se limitou a criticar os valores e a configuração social de sua época; ele também propôs alternativas para afirmar a vida no plano da imanência. Essa afirmação reconhece a crueldade e as asperezas do Real, por isso, envolve tanto a alegria quanto o sofrimento. Em vista disso, para atingir o nosso objetivo, tomamos como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica, tendo como principal referência *O Nascimento da tragédia* (1872) Este recorte concebe a “metafísica dos artistas” como um estilo superior a “metafísica racional”. Com efeito, o “poeta sóbrio” e o “poeta embriagado” devem coexistir no mesmo espaço de criação: a tragédia.

**Palavras-chave:** Trágico. Afirmação. Aparência.

**Abstract:** The present essay aims to present and analyze the main aspects of Nietzsche’s thought that make Friedrich Nietzsche a “philosopher of affirmation”. In the eyes of common sense, the Prussian philosopher is commonly associated – in a negative way – with the destruction of metaphysical values, cultural relativism, iconoclasm and nihilism. However, this superficial view disregards that Nietzsche was not limited to criticizing the values and social configuration of his time; he also proposed alternatives to affirm life on the plane of immanence. Such a statement recognizes the cruelty and harshness of the Real, therefore, it involves both joy and suffering. In view of this, to achieve our objective, we took bibliographical research as a methodological route, using as theoretical references the works *The Birth of Tragedy* (1872). Through the aforementioned perspective, this approach conceives the “artists’ metaphysics” as a superior style to “rational metaphysics”. In effect, the “sober poet” and the “drunken poet” must coexist in the same space of creation: tragedy.

**Keywords:** Tragic. Statement. Appearance.

Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo, compositor, filólogo e crítico cultural nascido na Prússia, atual Alemanha. Seus escritos – polêmicos e extemporâneos – marcaram a trajetória da filosofia no Ocidente. Desde a crítica da moral socrático-platônica até a proposta de uma “transmutação dos valores”, o “filósofo do martelo” continua sendo uma referência indispensável para o diagnóstico dos tempos hodiernos.



É o Nietzsche que influenciou Camus, Kafka, Foucault, Deleuze, Derrida, Onfray, Miguel de Unamuno e uma série de pensadores contemporâneos que beberam na fonte de uma escrita aforismática, poética e, sobretudo, ousada.

Contudo, o filósofo alemão ainda é profundamente caluniado e distorcido. Tais distorções se devem ao fato de que sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche manipulou as obras e os fragmentos que ele deixou após a morte<sup>1</sup>. Além disso, a filosofia nietzschiana é frequentemente reduzida a um pensamento de destruição. Não faltaram motivos para que Michel Onfray o descrevesse como “um filósofo destruído pelo ódio, a perversidade, a má-fé, a leitura superficial, a rejeição monomaniaca, a recusa a uma leitura que não esquece o homem no filósofo” (Cf. ONFRAY, 2014, p. 10). Com efeito, o “Nietzsche da destruição” acaba ofuscando o “Nietzsche da afirmação”.

Desse modo, a relevância deste ensaio está em sua contribuição para o resgate do Nietzsche “afirmador”. Para isso, fizemos um recorte cuja delimitação está na defesa da metafísica dos artistas. O conjunto do trabalho está baseado na concepção de “tragédia”.

A sabedoria nietzschiana diz que o critério do pensamento saudável não é a “verdade absoluta” nem a “verdade científica”, mas sim, a vida como potência criadora. Em contraposição às metafísicas religiosas, que idealizam um mundo distante como sendo o verdadeiro, o perspectivismo trágico concentra-se no aqui e agora. Nesse sentido, a proposta de afirmação da vida implica no reconhecimento da realidade como aparência, pois é a vontade humana que determina o sentido das coisas – vontade esta que é sempre cega e insaciável, como dizia Arthur Schopenhauer.

## 1 Primeiro filósofo trágico?

*“A arte existe porque a vida não basta”*  
(Ferreira Gullar)

Em sua autobiografia intelectual, *Ecce Homo* (1888), Nietzsche se autoproclamou o “primeiro filósofo trágico”. Porém, antes dele, outros pensadores já tinham refletido sobre a importância da tragédia para o mundo grego. Surge então uma pergunta-chave: qual foi a grande inovação do pensamento nietzschiano para a leitura e análise dos poetas trágicos?

É de suma importância destacar o contexto histórico em que o jovem Nietzsche elaborou sua reflexão estética: anteriormente, na Alemanha do século XVIII, houve um período de renovação cultural pautado pela valorização do ideal grego de beleza. Entre os principais representantes desse movimento estavam Johann Joachim Winckelmann e Johann Wolfgang von Goethe (Cf. BENVENHO, 2008, p. 19-20).

Os expoentes do Romantismo alemão defendiam que era necessário recuperar a relação saudável entre o homem e a natureza por meio da arte. Para Nietzsche, contudo, os estetas que o precederam estavam muito preocupados em analisar o trágico por uma óptica moral e puramente

1 Elisabeth, militante do nazismo, distorceu as ideias do irmão e fez com que ele fosse associado aos ideais pangermanistas, nacionalistas e antisemitas. Nietzsche, pelo contrário, criticava incisivamente tais ideologias. Para uma maior compreensão, ver *Sabedoria trágica: sobre o bom uso de Nietzsche* (2014), de Michel Onfray.

intelectual<sup>2</sup>. Isso fazia com que os estudos privilegiassem as belezas visuais, negligenciando o aspecto instintivo da produção artística. Portanto, a resposta para a pergunta do primeiro parágrafo está no próprio *Ecce Homo*: “Tenho o direito de considerar-me o primeiro filósofo trágico – ou seja, o mais extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista. **Antes de mim não há essa transposição do dionisíaco em um *pathos* filosófico: falta a sabedoria trágica (negrito nosso)**” (NIETZSCHE, 2008, p. 42).

Como se pode ler no trecho supracitado, o resgate do impulso dionisíaco na reflexão sobre a arte foi um dos grandes méritos de Friedrich Nietzsche. Essa redescoberta contribuiu, de modo significativo, para os pensamentos subsequentes de sua filosofia, principalmente na crítica aos valores morais e na proposição de uma existência fundamentada em valores estéticos.

## 2 A arte como experiência trágica da vida

Para o filósofo alemão, o Uno-primordial – único mundo “verdadeiramente existente” – é marcado pela dor, o sofrimento, a morte e as contradições. Diante dessa realidade inexorável, sujeita ao devir<sup>3</sup>, o ser humano cria diversas “miragens artísticas”, ou seja, artifícios que lhe possibilitam suportar e olvidar a crueldade<sup>4</sup> do real. Nesse sentido, Roberto Machado afirma:

A beleza é uma aparência, um fenômeno, uma representação que tem por objetivo mascarar, encobrir a verdade essencial do mundo. Para escapar do saber popular pessimista, o grego cria um mundo de beleza que, ao invés de expressar a vontade do mundo, é uma estratégia para que ela não se ecloda. Produzir a beleza significa se enganar na aparência e ocultar a verdadeira (MACHADO, 1999, p.19)

Na história do saber filosófico, concepções metafísicas como Deus, Motor Imóvel, Força Cósmica, Demiurgo, Hiperurânio, coisa-em-si, identidade, consciência e natureza foram princípios quase intocáveis, em função do seu estatuto de conhecimento verdadeiro. A verdade, todavia, não passa de uma convenção antropomórfica (Cf. CUNHA, 2007, p.11). É o simulacro ocultando a dura realidade.

Para o perspectivismo trágico, o “filosofar” envolve um conjunto de afecções e não deve ser entendido como mera abstração ou atividade puramente intelectual. No livro *Explicando filosofia com a arte*, Feitosa (2004, p. 16) afirma que, em vez de filósofos, há muitos “misósofos” no mundo. A filosofia, com seu caráter desestabilizador, deve envolver a capacidade de amar, de sentir, de se emocionar, de criar novos conceitos.

Considerando que a afirmação da vida – apesar de suas vicissitudes - está em jogo, qual é

2 O ideal das belas aparências havia se tornado o critério de avaliação das artes. Conforme Winckelmann (1975, p.53), “o caráter geral, que antes de tudo distingue as obras gregas, é uma nobre simplicidade e uma grandeza serena tanto na atitude como na expressão. Assim como as profundezas do mar permanecem calmas, por mais furiosa que esteja a superfície, da mesma forma a expressão na figura dos gregos mostra, mesmo nas maiores paixões, uma alma magnânima e ponderada.”

3 Segundo Abbagnano (1999, p. 313-314), devir ou vir-a-ser é: “O mesmo que mudança [...] Entendido em sentido lato como sinônimo de mudança e transformação incessante das coisas, o devir representa um dos conceitos-chave do pensamento do século XIX, que se propôs ilustrar sua dinâmica com as noções de dialética e evolução. Presente em sínteses filosóficas díspares, do marxismo ao positivismo, das filosofias da vida a Bergson, do historicismo ao neo-idealismo, o devir encontrou uma de suas máximas expressões em Nietzsche, que, depois de isentá-lo de qualquer referência a objetivos ontológicos preestabelecidos, propôs uma sua aceitação jubilosa e incondicional pela teoria do Eterno Retorno do Igual [...]”.

4 A palavra “crueldade” vem do latim *crudelis*, que significa cru. Enquanto obra do acaso – sujeita ao fluxo constante - a vida não possui nenhum sentido prévio ou teleológico. Com efeito, toda crença metafísica é fruto das representações antropomórficas.

a relação entre o “trágico da arte” e o “trágico da existência”? Para resolver essa questão, Nietzsche defendia que o valor da tragédia grega se fazia presente no casamento arquetipo entre o apolíneo e o dionisíaco. Tendo em vista que “só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se” (NIETZSCHE, 1992, p. 47), o espetáculo trágico proporcionava ao grego uma sabedoria profundamente humana e sensível.

O pensamento trágico é um saber que avança em todas as direções, saber este que não busca de antemão um direcionamento orientador, doutrinador para o homem encontrar nele refúgio. Mas, é antes de tudo, um ato desmedido do acaso, que afirma a vida como simplesmente sendo. O saber trágico não se enquadra nas categorias das tábuas magnâmicas da racionalidade acadêmica ocidental; porque entende que o saber tem de ser um sabor afirmativo da vida, uma vida feliz, ausente dos estereótipos predeterminados do ressentimento cristão ou das posturas éticas exclusivistas ou das metafísicas que depreciam esta existência em nome de uma outra realidade extramundana (CUNHA, 2007, p.26).

No processo de criação artística, as artes caracterizadas pela ordem, a medida, o equilíbrio e a proporção são manifestações apolíneas, i.e., simbolizadas pelo deus Apolo. Os instintos que geravam tais artes eram os mesmos que originavam a religião grega; consequentemente, os deuses do Olimpo, longe de representarem os ideais de sacrifício e ascese das religiões monoteístas, foram criados por Homero para mascarar os horrores do mundo real (MACHADO, 1999, p. 25). As belas aparências conduziam os gregos a uma “jovial serenidade” (*Heiterkeit*) através das formas, tornando cada ser humano um “artista consumado” (NIETZSCHE, 1992, p. 28). São exemplos de manifestações apolíneas: a pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia épica e a música épica.

Apolo como divindade ética, exige dos seus a medida e, para observá-la, o autoconhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”, ao passo que a alto-exaltação e o desmedido eram considerados como demônios propriamente hostis da esfera não-apolínea, portanto, como propriedade da época pré-apolínea, da era dos Titãs e do mundo extraapolíneo, ou seja, do mundo dos bárbaros (NIETZSCHE, 1992, p. 40-41)

Se Apolo diz respeito ao *principium individuationis* – oriundo da experiência onírica<sup>5</sup> —, Dionísio simboliza o caos, as paixões, a embriaguez<sup>6</sup>, a desmedida e a ruptura com todas as fronteiras delimitadas por Apolo. A dança, a poesia lírica e a música lírica são exemplos de manifestações dionisíacas. Na arte trágica, o dionisíaco proporciona ao espectador um conhecimento da realidade tal como ela é. Como é possível, então, que o casamento entre duas forças antagônicas construa a arte trágica? Segundo as palavras do filósofo alemão,

ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática (NIETZSCHE, 1992, p. 27)

Para a transfiguração do Uno-primordial no espetáculo artístico, considera-se que tanto

5 A palavra ouriunda grego *óneiros*, que significa “sonho”. A metáfora do sonho diz respeito à capacidade humana de produzir, individualizar, dar contornos ao mundo.

6 A embriaguez representa a dimensão caótica do ser humano. Simboliza a transgressão e a destruição das formas.

a medida como a desmedida – a criação e a destruição - fazem parte da existência, que é um constante “criar e recriar” (FROTA; JESUS, 2024, p. 10). No jogo dos acasos, nada é perene.

### 3 Conclusão

No campo de luta chamado “existência”, é preciso ser forte para lidar com os diversos acasos. É por essa razão que o homem, este ser viandante e desamparado, constrói mentiras e aparências: ele precisa atribuir sentido à vida, que por si só não possui nenhum sentido prévio ou “receituário” de como viver.

Ao resgatar elementos da cultura grega, Nietzsche nos oferece uma sabedoria fincada no chão da imanência, ou seja, no mundo real. Essa filosofia, que se traduz em um estilo de vida, não busca o paraíso vindouro. Pelo contrário, ela afirma este mundo – cruel, imprevisível, contrário e irracional – como o único. E é por ser “único” que este mundo, mesmo com as suas mazelas, precisa ser afirmado.

Longe de repelir todos os gêneros de ficção, Nietzsche quer valorizar as ficções que sirvam para afirmar a vida ao máximo possível. Assim, a valorização do corpo, o amor às coisas da terra, a rejeição dos além-mundos, a alternância entre o sonho e a embriaguez e a busca pela superação de si mesmo são propostas que podem auxiliar o homem contemporâneo a vencer sua impotência – fruto das relações de consumo e da imediatez capitalista.

### Referências

- BENVENHO, Célia Machado. O trágico como afirmação da vida. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**. Vol.1. nº2. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v1i2.23985>
- CUNHA, Guilherme da Silva. **Dobras Filosóficas**. Rio Branco: Gráfica Globo, 2007.
- FEITOSA, Charles. **Explicando filosofia com a arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FROTA, Anthony Gabriel da Silva; JESUS, Gerdevane Silva de. A estética da existência: um diálogo entre o pensamento trágico de Nietzsche e a ética foucaultiana. **LOGOS – Revista de Iniciação Científica da Faculdade Diocesana São José**. v.12, n.19/20. Jan./dez. 2024
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: como alguém se torna o que se é**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ONFRAY, Michel. **A sabedoria trágica: sobre o bom uso de Nietzsche**. São Paulo: Autêntica, 2014.